

**I ENCONTROS**

**DISCENTES**

---

**PPGAS / UFRGS**

**“POLÍTICAS DE  
CONHECIMENTO NA/DA  
ANTROPOLOGIA”**

---

**8, 9 e 10 de novembro de 2017**

**IFCH, Campus do Vale**

**[encontrosdiscentesufrgs.wordpress.com](http://encontrosdiscentesufrgs.wordpress.com)**



**I Encontros Discentes PPGAS/UFRGS**  
**“Políticas de conhecimento na/da antropologia”**  
**8, 9 e 10 de novembro de 2017**  
**IFCH, Campus do Vale**

**PROGRAMAÇÃO COMPLETA**

**08/11 – quarta-feira**

14h-14h30 – Mesa de abertura  
Comissão Organizadora e Patrice Schuch (Coordenadora PPGAS/UFRGS)

14h30-16h30 – Conferência de abertura  
Rosana Pinheiro-Machado (Professora visitante/UFSM) – “Opressão e mal-estar acadêmico”

16h30-17h – Intervalo

17h – Sessão 1 da Mostra Audiovisual

•••

**09/11 – quinta-feira**

9h-10h45 – GT 1 – Políticas das famílias, moralidades e Estado

10h45-12h30 – GT 2 – Etnografando as obras: arte e restituição

12h30-14h – Intervalo para almoço

14h-15h45 – GT 3 – Corpo em perspectiva: teorias, práticas e políticas públicas

15h45-17h30 – GT 4 – Emanações do Estado: nos arquivos, nas fronteiras e na educação

17h30-18h – Intervalo

18h – Sessão 2 da Mostra Audiovisual

•••

## **10/11 – sexta-feira**

9h-10h45 – GT 5 – Antropologia e as redes: internet, globalização, mercados e circulações

10h45-12h30 – GT 6 – Jovens entre as tecnologias de governo e as burocracias

12h30-14h – Intervalo para almoço

14h-15h45 – GT 7 – Múltiplas escalas, múltiplas alteridades: tecnologias, relações multiespécies, etnicidade e religião

15h45-17h30 – GT 8 – O trabalho e o indefectível das identidades, raça e memória

17h30-18h – Intervalo

18h – Conferência de encerramento

Edgar Rodrigues Barbosa Neto (Professor/UFGM) – “O Encontro de Saberes e a Arte do Respeito”

•••

Abertura, conferências, grupos de trabalho e mostra audiovisual ocorrerão na sala Multimeios (203) do prédio do IFCH, Campus do Vale, UFRGS.

Mostra Fotográfica – Galeria Olho Nu – 08/11 a 08/12/2017

•••

Confraternização de encerramento

Bar Carmelita (Travessa do Carmo, 54, Cidade Baixa)

Dia 10 de novembro, às 21h

Música ao vivo com Nivaldo José

Couvert – R\$ 8

•••

## GRUPOS DE TRABALHO

### GT 1 – Políticas das famílias, moralidades e Estado

Debatedora: **Patrícia Kunrath** (doutora PPGAS/UFRGS)

**Aliziane Bandeira Kersting** (mestranda)

#### As relações de gênero no cotidiano da Diáspora haitiana em Porto Alegre

Resumo: O presente trabalho, uma etnografia junto às vidas de famílias haitianas na cidade de Porto Alegre, visa discutir as relações de gênero no contexto da imigração. Pensar as formas como podemos entender as dinâmicas de parentesco e conjugalidade dentro de uma discussão que consiga abarcar o cotidiano da imigração a partir de suas criações, resistências, de empreendimentos inventivos. Indago também acerca dos desafios que as mulheres haitianas enfrentam para mover e dar vitalidade às suas redes de imigração, assim como modos de inserção econômica e autonomia empregados em sua experiência imigratória. Bem como, problematizo as transformações dos papéis de gênero, como reconstruem, negociam e produzem novas relações no contexto imigratório. A pesquisa de campo teve início em 2014 com o acompanhamento as dinâmicas do pré-natal no sistema único de saúde na cidade de Porto Alegre. O ponto principal dessa apresentação passa a ser um diálogo que tome a imigração feminina como eixo central para uma discussão acerca do que entendemos como protagonismo feminino e que possa produzir reflexões que surpreendam as narrativas de submissão, maternidade e monogamia compulsórias atreladas às mulheres por parte senso comum, mas também por boa parte da literatura etnográfica acerca de populações afro-caribenhas. A linha condutora dessa apresentação é o caminhar junto com uma família haitiana que faz no contexto da imigração a atualização de um ofício tradicional do Haiti, o ofício de Madame Sara. Essa ocupação é um trabalho das mulheres que no contexto haitiano fazem circular os alimentos entre o espaço rural e o urbano, seja transportando nas próprias costas no desce e sobe entre a planície e o planalto do país, seja usando o lombo de uma mula ou adquirindo um espaço em um caminhão. Em Porto Alegre, a Madame Sara junto com o seu companheiro, passa a produzir seu espaço de vida ainda trabalhando com os alimentos, trazendo insumos da CEASA (Central de Abastecimento do RS) para revender aos compatriotas no bairro de moradia, cozinhando os pratos típicos e também construindo uma central telefônica e remessas de dinheiro e caixas de alimentos ao Haiti, mas revela-nos dinâmicas estratégicas, de alianças e movimentos que extrapolam a imagem do casal enquanto unidade complementar e de solidariedade. É acionando toda uma rede de parentes tanto a madame Sara como o companheiro vão produzindo táticas e movimentos insuspeitos, não totalizáveis, passos que vão moldando espaços de vida que não remonta a um projeto, mas a saberes que produzem-se nos instantes mesmo que são chamados a superfície das normativas do espaço e das fronteiras. Esse trabalho que projeta-se como uma dissertação de mestrado, é um desafio interessante pensar as representações de gênero trazendo referências do país de origem desses imigrantes, como o caso da Madames Saras, e a sua relação com o mundo do comércio. Ao passo que não o circunscrevo como um “ofício funcional” à precariedade do mundo social haitiano, ou seja, como mais uma subalternidade em relação aos homens que saem a imigrar enquanto a mulheres cuidam do lar e do abastecimento de alimentos, busco encontrar

como os próprios sujeitos manejam identidades e dão sentido a suas experiências. Parte das perguntas que norteiam essa etapa de pesquisa são: E quando as Madames Saras imigram que sentidos podem existir na reconstrução de seus ofícios, que solidariedades são mais visíveis ou menos no contexto imigratório e que desafios colocam a nossa forma de entender as estratégias de gênero?

Palavras-chave: Imigração haitiana; Gênero; Cotidiano

**Cíntia Hoffmeister Rizzi** (mestranda)

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e as práticas alimentares de crianças em escolas do Litoral Norte Gaúcho

Resumo: A aproximação com a temática da alimentação na escola, através de meu trabalho na 11ª Coordenadoria de Educação da Secretaria Estadual da Educação/RS, despertou interesse em compreender, a partir da antropologia, as práticas alimentares das crianças no ambiente escolar do município de Osório, litoral norte gaúcho. As práticas alimentares têm se modificado ao longo do tempo por diversas razões em todos os lugares do mundo e têm constituído interesse de pesquisadores em muitas áreas do conhecimento. A fome, enquanto um problema mundial foi foco das discussões sobre Segurança Alimentar e Nutricional, e refletiu preocupação de muitos governos no mundo. Transformações no modo de produção de alimentos e na vida doméstica de muitas famílias, têm contribuído para a transição alimentar, com o conseqüente aumento de doenças não-transmissíveis (diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares e câncer) geradas majoritariamente pelo consumo de alimentos processados ou ultraprocessados, dentre outras conseqüências. Da fome à obesidade, o Brasil foi pioneiro na criação de políticas públicas sociais que tinham o foco a segurança alimentar e nutricional de populações carentes, incluindo a infância. O PNAE é fruto desse contexto. Através da utilização do método etnográfico e de suas ferramentas, pretendo observar as interações entre as crianças, e entre elas e os adultos, na hora do lanche na escola para compreender processos alimentares cotidianos – considerando a afirmação de Lévi-Strauss de que a alimentação é uma linguagem e é fator estruturante da organização social – que podem dizer algo sobre as práticas alimentares e os modos de viver em nossa sociedade, colocando as crianças no lugar de sujeitos da pesquisa para que falem sobre comidas, sabores, gostos, preferências, evitações e, a partir daí seja possível refletir sobre os significados da merenda, identidades, memórias, representações simbólicas e coletivas do ato alimentar. Considerando que o objeto da pesquisa está em construção, pretendo discutir questões metodológicas pertinentes ao campo com (e sobre) crianças, sobre os cuidados que o pesquisador deve ter nas relações de pesquisa, da posição em campo nessa situação específica já que são escassos trabalhos que relacionem infância e alimentação na antropologia, constituindo-se num obstáculo que precisa ser transposto em minha pesquisa.

Palavras-chave: Antropologia da Alimentação; Alimentação escolar; Antropologia da Criança; PNAE; Método etnográfico

**Helena Moura Fietz** (doutoranda)

“Espelho, espelho meu. Quem é que cuida melhor do que eu?”: moralidades e expectativas familiares envolvida no cuidado de adultos com deficiência intelectual

Resumo: Historicamente, no Brasil, o cuidado de pessoas com deficiência foi delegado às famílias ou a instituições totais. A Lei da Reforma Psiquiátrica (Lei 10.216/2001) e a Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015) – também conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência - deram importantes passos na promoção da desinstitucionalização, combatendo as condições degradantes as quais as pessoas com deficiência eram submetidas nestes locais. No entanto, elas não vieram acompanhadas de programas ou políticas que promovam os direitos destas pessoas no que tange a arranjos de moradia outros que não com seus familiares. Estamos falando de uma população que está ficando mais velha e, por conseguinte, de cuidadoras familiares – em sua maioria mães – que também estão envelhecendo. A partir do trabalho de campo realizado junto a um grupo de mães de jovens e adultos com deficiência intelectual e/ou psicossocial da cidade de Porto Alegre que frequentam um centro de atividades extracurriculares, percebi o medo constante sobre como será o futuro, uma vez que para essas mulheres ninguém cuidará de seus filhos com a dedicação e afeto que dedicaram a eles durante toda sua vida. Com as observações e entrevistas realizadas, percebi que esta preocupação materializa-se na questão sobre onde e com quem irão morar e quem se responsabilizará por seus cuidados. Proponho que os diferentes arranjos de moradia possíveis - com familiares, sozinho, em moradias assistidas, clínicas, entre outros – configuram diferentes modos de performar a deficiência, na medida em que vemos sobrepostas questões como a autonomia dos jovens, o cansaço das cuidadoras e as práticas de cuidados envoltas nessa relação. Apesar de central para minhas interlocutoras, esse ainda é um debate – a moradia para jovens e adultos com deficiência – quase inexistente em nosso país. Ausência esta que reflete o modo como a deficiência e as práticas de cuidado são lidadas por e em nossa sociedade. Além disto, está é uma questão que envolve diferentes atores, como as famílias, o estado, organizações não governamentais e, é claro, a própria pessoa com deficiência. Deste modo, busco nesta comunicação refletir, a partir da discussão sobre os arranjos de moradia, sobre como a experiência da deficiência impacta as relações familiares e as práticas de cuidado, reconfigurando expectativas e potencializando moralidades da vida familiar.

Palavras-chave: Deficiência; Relações Familiares; Arranjos de Moradia; Práticas de Cuidado

**Ranna Mirthes Sousa Correa** (doutoranda)

Pai é quem cria? Responsabilidades e legalidades nas discussões de investigações de paternidade e família

Resumo: Com o objetivo de reduzir o número de registros sem o nome do pai, o Tribunal de Justiça de Alagoas (TJ/AL) por meio da resolução nº36/2008 prevê a criação do Registro Integral e do Núcleo de Promoção da Filiação e Paternidade (NPF), um órgão centralizador das averiguações de paternidade encaminhadas pelos cartórios de registro civil na capital Maceió, em Alagoas. A resolução previa que os Cartórios de Registro Civil da capital ao realizarem o registro de nascimento sem o nome do pai, deveriam preencher o termo de alegação de paternidade e encaminhar, em prazo de até 48 horas, os dados da mãe e da criança para o Núcleo iniciar à

averiguação. Uma vez que os dados dos cartórios eram enviados ao NPF e eram conhecidas as informações da criança, o NPF abria processo administrativo e situava a criança como requerente do processo. Para em seguida, enviar uma carta de intimação para a mãe comparecer em data e horário já definido para tratar de assuntos referentes ao “interesse da criança”. O espaço foi criado movido pelo objetivo de desburocratizar o acesso ao direito à filiação sem a necessidade de um processo judicial, visto que funciona em etapa de conciliação a partir da mediação feita por psicólogas e assistentes sociais. A presença de tais profissionais nesse espaço jurídico propõe desenvolver um trabalho defendido pelas profissionais como uma “sensibilização para a importância da paternidade responsável”. Tal procedimento é movido pelo objetivo inicial que visa encorajar o reconhecimento espontâneo de paternidade, a fim de evitar a realização do exame de DNA como procedimento padrão para todos os processos averiguação de paternidade. O objetivo do trabalho é explorar as representações tanto da equipe do NPF quanto das mães sobre os sentidos do registro civil e as noções relativas à paternidade e família para pensar nos diversos aspectos e implicações que permeiam as relações entre pais, mães e filhas/os além dos tribunais. A metodologia reuniu a observação tanto da rotina de trabalho do cartório quanto das audiências de conciliação, a realização e a análise de entrevistas com as profissionais, conversas informais nas salas de espera com as mães, e a análise do material de divulgação e campanhas. A realização do trabalho de campo permitiu reflexões sobre um contexto que, apesar de visar à regulamentação do registro civil e à ênfase da presença da figura paterna na família, a realidade dessas mães além do processo mobiliza a constituição de diversas outras possíveis foras de arranjos familiares. Por muitas vezes, esses arranjos extrapolam a composição nuclear triangular entre pai, mãe e filhas/os, tendo em vista outras relações de afinidade, afetividade e convivência com outras mulheres da família, como avós e tias.

Palavras-chave: Filiação; paternidade; família; justiça

## **GT 2 – Etnografando as obras: arte e restituição**

Debatedor: **Marcelo Tadvald** (pós-doc PNP/DCAPES - PPGAS/UFRGS)

### **Aliziane Bandeira Kersting e Geórgia Macedo** (mestrandas)

Rumo a uma etnografia compartilhada, saberes, fazeres e corporalidades: Quando duas etnógrafas partilham atenções

Resumo: Estar presente, aprender com o corpo, corporificar aprendizados, viver o campo e no campo, partilhar afetos, estar disposto a co-habitar temporalidades, cansar, correr, sorrir e chorar, responder a demandas, deixar-se preso, sair, voltar, a escuta atenta e generosa. Trazendo as provocações do livro *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, de Loïc Wacquant que questiona os limites, capacidades e potencialidades que surgem no encontro com o outro, propomos uma comunicação a duas vozes, um experimento de partilhar questionamentos, de revelar-se mais pelas dúvidas do que pelas certezas sobre o fazer etnográfico. São muitos os artefatos e técnicas - como as entrevistas, os cadernos de anotações, os diários, as fotos - que empreendemos para assegurar o controle da pesquisa etnográfica. Por

outro lado, nos provocamos a pensar sobre o descontrole e sobre o que nos parece ser a principal ferramenta de trabalho e estudo do Antropólogo: o corpo. Não necessariamente do outro, mas o seu próprio. Os clássicos nos mostram que, depois que os pés foram colocados para fora dos gabinetes, os corpos dos etnógrafos (que eram corpos distantes e supostamente muito diferentes daqueles que estavam sendo etnografados) buscam movimento para a produção de um conhecimento (não) sedentário. O corpo do antropólogo vem se mostrando um importante elemento a ser refletido nas nossas pesquisas, tanto no sentido da necessidade de nos questionarmos o lugar que ele inevitavelmente ocupa em relação à alteridade, em relação às comunidades pesquisadas - e, como nos sugere Lila Abu-lughod (1991) buscando uma escrita contra a cultura -, seja no sentido da importância de se deixar afetar, de se deixar transformar, ou seja, como nos propõem Márcio Goldman (2003), pensar trabalho de campo como parte do processo de educação do etnólogo tendo a potencialidade de modificar o pesquisador. Para etnografar como é a relação de determinados sujeitos com determinadas instituições da vida social é preciso mais do que "estar lá" (GEERTZ, 1988), parece-nos ser preciso experimentar.

Palavras-chave: Etnografia; escrita etnográfica; educação; corpo

**Diogo Dubiela** (mestrando)

A instalação etnográfica *As Mulheres e a Fibra*: um diálogo entre Antropologia e Arte

Resumo: É cada vez maior no mundo contemporâneo a adesão de formas sensíveis ao círculo antropológico. Desde Malinowski através da imagem o campo antropológico vem a ser atravessado pela presença destas formas e cada vez mais o resultado etnográfico é dado nos termos de uma “estética do imaginário”, algo além da palavra escrita, “num modo de dizer através das imagens aquilo que não pode ser aprendido de outra forma” (Rocha e Eckert, 2015:84). No âmbito de um processo de descolonização, a crise da representação na segunda metade do século XX, na Antropologia trazida à tona de maneira muito forte pelo projeto Writing Culture não se limitou ao âmbito da escrita. A própria crise em si impele à abertura a novas possibilidades de representação e interpretação, e por isso repercutiu também no plano da produção visual e sensorial. É neste contexto que se busca refletir em maior profundidade acerca dos modos de exibição da produção etnográfica e, por sua vez, as próprias bases constitutivas desta produção, no sentido de uma presença maior da interlocução na cena antropológica. Novas formas de produzir conhecimento antropológico, novas maneiras de documentar e expressar a relação com o outro se revelam necessárias. Neste sentido, busco refletir sobre a noção de *instalação etnográfica* como uma nova possibilidade de representação e interpretação visual, a partir do caso da instalação etnográfica *As mulheres e a fibra*, lançada no ano de 2015 em Porto Alegre-Brasil. Na busca por uma relação dialógica e simétrica na prática etnográfica, a *instalação etnográfica* coloca-se como inovação, advém de um espaço epistêmico intersticial e, desta forma, constitui-se quase como uma provocação à forma de materialização canônica do conhecimento antropológico. Como condição básica, a *instalação etnográfica* brota da *experiência etnográfica*, e vice-versa. Pode ser o resultado ou início de um trabalho de campo, esse movimento paradoxal de envolvimento e distanciamento, mais ou menos objetividade, nunca neutralidade, sempre negociação. Desde (Clifford, 1998) entende-se o curso geral da pesquisa etnográfica como uma grande negociação. A etnografia passa cada vez mais a ser engendrada por uma dinâmica de (re)negociação continuada de sentido da sua produção, dado o contexto de descolonização em que se tornam visíveis as mudanças



sociais e, em conformidade com elas, as mudanças nas estruturas narrativas (Brunner, 1986) em Antropologia. Assim, temos a instalação etnográfica como uma nova possibilidade nas formas de narrar a experiência etnográfica. A relação dialógica entre Antropologia e Arte constitui o *background* da forma em questão. A *instalação etnográfica* é aqui concebida como uma composição diacrítico-estética, a Antropologia como meio para sensibilizar e a arte como meio de documentar o mundo, e vice-versa. Uma congruência marcante entre o ato de fazer arte e o papel da criatividade no processo etnográfico. Com o passar do tempo um jogo de apropriação metodológica intercampos se dá a ver aos nossos olhos. São muitas as similitudes, assim como as diferenças.

Palavras-chave: Instalação; Etnografia; Antropologia; Arte

**Juana Lucía Cabrera Prieto** (mestranda)

“Esa canción me apetece una mambeada<sup>1</sup>”: música y ritmos cotidianos de jóvenes indígenas en Araracuara, Caquetá, Colombia

Resumo: Dice una metáfora que somos unos seres que nos hacemos por los muchos caparazones con los cuales vamos recubriéndonos a lo largo de la vida (Torrijos, 1988). Primero nuestra piel, luego nuestras casas, los espacios comunales, el pueblo o la ciudad donde vivimos, siguen esos otros espacios lejanos que se convierten en sueños y cuando son cumplidos en realidades. Obviamente los lugares no vienen solos, ellos son el pensamiento, las ideas, el sudor de mucha gente que los construye y los puebla; los caparazones tienen ciclos y de ahí que los establezcamos dentro del tiempo; está la noche y el día, el verano y el invierno, el crecimiento de los ríos, están los propios ciclos del cuerpo. Todos esos caparazones de tiempo y de espacio hacen posible aquello que llamamos vida. Este trabajo desea repensar una pesquisa etnográfica desarrollada hace 7 años con un grupo de jóvenes de múltiples grupos indígenas que habitaban un pequeño poblado amazónico, Araracuara. El objetivo del trabajo se focalizó en la relación tejida entre la música que escuchaban los jóvenes, los espacios en los que lo hacían y la cotidianidad en este lugar, atravesado por múltiples regímenes extractivistas y de violencia. La metáfora de los caparazones fue utilizada para poder relacionar los espacios en los cuales las y los muchachos de Araracuara transitaban y construían su realidad. Esta pesquisa etnográfica utilizó fundamentalmente la observación participante y las conversaciones espontáneas para fundamentarse. No obstante, a medida que iba compartiendo espacios y que las personas me permitían participar en sus vidas, pude ir avanzando y dando giros a la forma de hacer el trabajo. Es decir, lo que hice fue darle espacio a que las circunstancias se desarrollaran sin forzarlas, y me permitieran comprender la cotidianidad al ritmo de cómo se vive allá. Araracuara es un lugar con una historia de contacto prolongado con la sociedad nacional. Si bien el contacto con gente blanca ya lleva más de cuatro siglos, es sólo hasta el siglo XX que se da de manera permanente. En 1939 fue establecida la Colonia Penal, según Losada (1994: 33), en un momento en que se *iniciaba el proceso de reagrupamiento de los individuos sobrevivientes de las diversas etnias* del genocidio cauchero. En 1971 fue cerrada la cárcel y llega otro tiempo, *tiempo de corporación*, en donde hasta la entrada de la antigua guerrilla de las Farc, fue un enclave de trabajo e investigación para los habitantes de la región. A lo largo de la segunda mitad del siglo XX la región pasó por distintos ciclos extractivos, como el tráfico de pieles, diferentes auges cocaleros, y la extracción de recursos minerales, aunado todo ello a la irrupción de diferentes actores armados (el ejército y

la antigua guerrilla de las Farc). Al partir de una experiencia etnográfica desde la vida cotidiana, teniendo como foco de interlocución a los jóvenes y los espacios en sus relaciones de sociabilidad vehiculadas a través de la música que escuchan, esta experiencia etnográfica quiere mostrar como las afectividades y las relaciones humanas son entretajadas, en y a pesar de la violencia que las cercan.

Nota

<sup>1</sup> Mambear: prosaicamente se dice del acto de llevarse a la boca una mezcla de hojas de coca (*Erythroxylum coca*) tostadas y pulverizadas con las cenizas de las hojas del árbol de yarumo (*Cecropia sciadophylla*) utilizada por algunos pueblos indígenas amazónicos; su autorización, por parte de los ancianos, es un indicador para empezar a desempeñar el rol de adulto. Para entender sus connotaciones más trascendentales ver: Echeverri & Pereira (xxx).

Referências

Echeverri, Juan A., Edmundo Pereira. 2005. “Mambear coca não é pintar a boca de verde’: Notas sobre a origem e o uso ritual da coca amazônica”, en B. Labate & S. Goulart (ogrs.), *O Uso Ritual das Plantas de Poder*, pp. 117-185. Campinas: Ed. Mercado de Letras/FAPESP.

Torrijos, F. (1988). Sobre el uso estético del espacio. En Fernández, J. (Ed.), *Arte efímero y espacio estético*. Barcelona: Anthropos Editorial del Hombre.

Losada, M. (1994). *La colonia penal del Araracuara. socioeconomia y recursos naturales*. Colombia: Tropenbos.

## **Yuri Schönardie Rapkiewicz (mestrando)**

### Pesquisa e restituição: notas etnográficas de um projeto cultural sobre a memória ferroviária do Rio Grande do Sul

Resumo: As estradas de ferro marcam profundamente a história brasileira, da qual os ferroviários, hoje aposentados, também são protagonistas. Imersos em teias de relações, esses sujeitos compartilham memórias recheadas de nuances. As metodologias combinadas, da etnografia e da História Oral, concedem espaço para as biografias destes indivíduos, trabalhadores que viveram em diferentes municípios rio-grandenses e trazem perspectivas singulares do período de operação da Rede Ferroviária Federal (RFFSA) – empresa estatal fundada em 1957 e privatizada em 1997. Este cenário denso e complexo é vivido e narrado pelos interlocutores. O objetivo da comunicação é relatar alguns pontos da pesquisa etnográfica que é realizada no âmbito do Mestrado em Antropologia Social (PPGAS/IFCH/UFRGS) e na atuação em projetos culturais relacionados à preservação da memória da ferrovia no Rio Grande do Sul. Nesta oportunidade ensejo alguns comentários sobre minha atuação no projeto “A Tecnologia Resgatando a Memória Ferroviária do Rio Grande do Sul”. A iniciativa foi financiada pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC), vinculado à Secretaria Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul (SEDAC) em 2016. Trago alguns relatos e inquietações gerais sobre a pesquisa, enquanto um membro da equipe executora (que era composta também por um historiador e uma pedagoga) que esteve em contato direto com os aposentados da ferrovia. Em resumo, a iniciativa abarcou a pesquisa, curadoria e elaboração de materiais de exposição para o público visitante do Museu do Trem de São Leopoldo, por meio da disponibilização de uma plataforma multimídia interativa: um monitor de 23 polegadas sensível ao toque, um “totem digital” com mapas, inventários de estações, fotos e vídeos (crônicas documentais). Palmilhando este percurso, lançamos algumas questões provocativas que nos instigaram desde o início: Como ocorrem os encontros entre pesquisadores e aposentados? Que nuances marcam a passagem da oralidade para o registro audiovisual? Conseguimos captar e reter os aspectos subjetivos dos sujeitos com os quais interagimos? Interessa-nos essa retenção? Lidar com fontes orais é tencionar a todo o momento a reponsabilidade e o cuidado no seu registro, manipulação e

divulgação. Assim, as entrevistas realizadas em cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre colocaram em relevo histórias de vida que abordam particularidades de transformações políticas, econômicas e urbanas do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os ferroviários aposentados que foram entrevistados pela equipe do projeto eram três: Ricardo Reischak (Agente de Estação), Moises Porto (Maquinista) e Hélio Bueno da Silveira (Presidente do Grêmio Esportivo Ferrinho). As entrevistas roteirizadas e gravadas em vídeo foram parte dos materiais etnográficos editados de forma dinâmica. Por fim, destacamos que em Setembro de 2017, ocorreu a entrega pública do equipamento para o Museu de São Leopoldo, restituindo o material histórico pesquisado na instituição em uma interface atrativa e interativa. O instrumento expositivo e pedagógico também pode ser baixado como aplicativo para celulares. Em suma, o relato aborda a dimensão relacional entre investigador, interlocutores, patrimônios, museus e políticas públicas, desejando contribuir nas discussões relativas ao tema que tem assumido proeminência nas pesquisas de Antropologia Urbana no Brasil.

Palavras-chave: restituição; ferrovia; memória; museu

### **GT 3 – Corpo em perspectiva: teorias, práticas e políticas públicas**

Debatedora: **Monalisa Dias de Siqueira** (pós-doc PNP/DCAPES - PPGCS/UFSM)

**Bruna Klöppel** (doutoranda)

#### Aparatos de produção corporal nas práticas de percepção da fertilidade

Resumo: O trabalho tem como objetivo apresentar parte do resultado da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Partindo da constatação de certa controvérsia em torno dos benefícios e malefícios da utilização de contraceptivos hormonais, o que tem levado jovens a abandonar essa prática contraceptiva. Dentre os métodos alternativos estão os métodos baseados na percepção da fertilidade. Tais práticas envolvem, além da observação e registro da duração do ciclo menstrual, a observação, o registro e a interpretação dos chamados sinais primários de fertilidade, manifestos no/pelo corpo ao longo do ciclo. As práticas visam ao acompanhamento do ciclo menstrual e podem ter como objetivo a contracepção, a concepção e/ou o monitoramento da saúde. Os sinais considerados primários levados em consideração pelas minhas interlocutoras são o fluido cervical e a temperatura basal diária. Esses sinais indicariam a fase do ciclo menstrual em que as praticantes se encontram e são interpretados cotidianamente de acordo com suas características e variações, na busca por perceber se há possibilidade de engravidamento ou se há problemas que podem ser administrados em termos de saúde ou qualidade de vida. A partir da descrição de práticas discursivo-materiais relacionadas à percepção da fertilidade, busco compreender seus efeitos sobre os enquadramentos de corpos/sujeitos sexuados/generificados e suas relações com noções de saúde e “qualidade de vida”, com especial atenção ao que se performa como “hormônios sexuais”. Apesar de haver adentrado em campo a partir da temática da contracepção, abordo nesse artigo prioritariamente as práticas de percepção da fertilidade enquanto práticas associadas ao “empoderamento feminino” e ao “monitoramento da saúde”, não tratando diretamente, portanto, dos variados métodos e regras relativas à contracepção e/ou

concepção. Tendo como ponto de partida os estudos feministas neomaterialistas da ciência e da tecnologia e os estudos sociais da ciência e tecnologia, realizei observações em grupos de mulheres em redes sociais dedicadas ao tema, além de entrevistas semiestruturadas, visando apreender suas práticas relativas a esse tipo de tecnologia. A partir do trabalho de campo, delimito uma configuração singular como foco da pesquisa, que caracterizo pela articulação de quatro pontos que se ligam às práticas: são performadas enquanto seculares e independentes de práticas religiosas específicas; são entendidas em termos de administração individual da fertilidade e da saúde; são promovidas em termos de “empoderamento feminino” em torno da saúde sexual e reprodutiva; e, por fim, estão sob um processo de formalização profissional de instrutoras dos métodos. Tendo em vista normas de gênero que associam as mulheres à reprodução, tal trabalho revela algumas estratégias de conformação e resistência que a imersão nas práticas de percepção da fertilidade implica e possibilita. Ademais, nos ajuda a entender como se dão essas articulações heterogêneas que têm como efeito performances específicas de sexo/gênero e como as praticantes da percepção da fertilidade manipulam tais categorias quando tratam de corpo e saúde.

Palavras-chave: neomaterialismo; gênero; hormônios; feminismo; saúde

**Felipe Cavalcanti Ferrari** (mestrando)

Como investigar temporalidades na resposta ao HIV/Aids em Porto Alegre?

Resumo: O presente trabalho insere-se na temática de um processo que vem sendo descrito como um movimento de biomedicalização da resposta ao HIV. Trato aqui de uma tentativa de delimitar de maneira mais precisa o objeto da pesquisa que pretendo desenvolver ao longo do mestrado. Nesse sentido, procuro enfatizar impressões de algumas incursões etnográficas exploratórias, juntamente com uma apresentação do tema e do objeto da investigação, de modo a apresentar certos desafios metodológicos que se desenham. No processo mencionado de biomedicalização, marca-se um cenário considerado mais atual, no qual intervenções biomédicas têm ganhado uma centralidade nos agenciamentos que constituem essa resposta. Tal marcação de tempo apresenta um terreno que se entende em mudança, na qual um passado poderia estar se dissolvendo ao longo do processo. Na cidade de Porto Alegre, eventos recentes podem servir como uma espécie de ilustração dessas mudanças. O Grupo de Apoio à prevenção da AIDS (GAPA-RS), uma importante ONG/Aids, perde sua sede física em agosto de 2017, em virtude de um despejo. Despejo que parece acompanhar uma trajetória já longa de dificuldades estruturais enfrentadas pelo grupo. Da mesma forma, a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), um método preventivo promissor baseado no recurso à drogas antirretrovirais, vem sendo disponibilizada desde 2015 na cidade, por conta de estudos de demonstração. Tais estudos se justificam como necessários à implementação da PrEP pelo Sistema Único de Saúde (SUS), como estratégia de prevenção combinada. Implementação que foi aprovada pela Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec) em maio deste ano. Tenho-me interessado pelo processo de incorporação da PrEP pelo SUS, na medida em que já vim estudando a emergência do método preventivo na graduação. Na investigação realizada anteriormente foi possível descrever a maneira pela qual diferentes versões da PrEP emergiam em reportagens publicadas em grandes portais de notícias, em textos vinculados a alguns blogs e em artigos científicos. A pesquisa que pretendo desenvolver durante o mestrado caminha na direção de reconhecer como se dá esse processo de implementação, chamando

atenção para a maneira pela qual a intervenção biomédica tem sido performada. Do mesmo modo, procuro investigar como o chamado ativismo tem estado presente ou não nesse processo. O que aponta para certos desafios metodológicos; como reconhecer e investigar a relação entre ambos os objetivos. Incurções etnográficas exploratórias tem sido bastante prolíficas nesse sentido, uma vez que não parece haver uma correlação mais direta entre os episódios descritos. Notou-se, ainda que de maneira tentativa, o que parecem "presenças ausentes": seja de uma determinada forma de ativismo, em relação aos estudos envolvendo a PrEP; seja da própria intervenção biomédica em debates públicos envolvendo a epidemia de HIV/Aids no Rio Grande do Sul. Tais "presenças ausentes" apontam para as dificuldades metodológicas mencionadas, ao entrecruzar ativismo e a nova tecnologia de prevenção.

Palavras-chave: biomedicalização da resposta ao HIV; temporalidades; movimentos sociais; Profilaxia Pré-Exposição (PrEP); dificuldades metodológicas

**Thiago Batista Rocha** (mestrando)

#### Evidências e circunscrições: populações-chave em políticas de HIV/AIDS

Resumo: No contexto das políticas de HIV/AIDS, a categoria de populações-chave vem se mostrando operativa no enfrentamento à epidemia. Ao deslocar noções anteriores centralizadas no comportamento individual de membros de determinados grupos populacionais, esta categoria se propõe a direcionar esforços de prevenção e tratamento dos sujeitos mais afetados. Inserida em metas transnacionais de enfrentamento ao HIV e em protocolos de atendimento, a atenção às populações-chave figura como um dos elos entre políticas globais e estratégias locais de saúde. Desde as recomendações da UNAIDS para a atenção destinada aos grupos mais vulneráveis até os documentos que orientam a prática médica no Sistema Único de Saúde, a definição das populações-chave faz parte do vocabulário das políticas de AIDS. Pautando-se principalmente na medicina baseada em evidência, isto é, em dados estatísticos, em pesquisas experimentais e em ensaios clínicos randomizados, a fundamentação científica das políticas de saúde em HIV/AIDS é elaborada a partir da produção de "evidências" que seriam capazes de garantir a máxima objetividade dos dados. É assim, por exemplo, que o guia de prevenção e tratamento em HIV para populações-chave concebido pela Organização Mundial de Saúde procura "fornecer um pacote compreensivo de recomendações baseadas em evidência relativas a HIV" e "o PCDT [Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis] visa a melhorar a qualidade da atenção à saúde das pessoas com IST no país, sendo baseado em extensa revisão de evidências científicas". Mais do que debater sobre a veracidade das informações geradas através da medicina baseada em evidências, cabe, contudo, uma reflexão a respeito de suas implicações. Como parte dos desdobramentos conceituais de uma pesquisa em fase inicial, este trabalho busca propor uma reflexão a respeito da incorporação da noção de população-chave no âmbito das indicações de prevenção e tratamento ao HIV/AIDS e abordar questões que ela possa apresentar à investigação antropológica na área da saúde, particularmente no campo do HIV/AIDS. A partir de uma breve discussão sobre a forma de cientificidade considerada na produção de evidência tida globalmente como mais relevante, procura-se identificar implicações dos desdobramentos operativos da categoria em questão.

Palavras-chave: AIDS; população-chave; medicina baseada em evidências; Profilaxia Pré-Exposição

**Yara Ngomane Santos** (doutoranda)

Reflexões teóricas sobre políticas, programas de HIV/AIDS e fluídos corporais em Moçambique

Resumo: Moçambique figura entre os dez países com os mais altos níveis de prevalência de HIV/AIDS no mundo, fato que coloca a doença como problema de saúde pública no país. Os fluídos corporais (sangue, sêmen e leite materno), mais do que representarem uma porta de entrada para as infecções por HIV, parecem ser fundamentais para a compreensão de um sistema amplo e complexo de produção de saberes sobre a AIDS. Afinal, quando se olha mais de perto para tal produção de saberes e conhecimentos sobre saúde e doença, percebe-se o grande significado simbólico que os fluídos corporais representam para muitas comunidades locais. No contexto moçambicano, o sangue revela-se carregado por um amplo conjunto de significações e valores que permeiam os contextos socioculturais e as ações individuais e coletivas. Estas percepções e representações outras também são estendidas durante o período da amamentação. Várias pesquisas apontam que na região sul de Moçambique, não se aconselham as mulheres a manter relações sexuais durante o período da amamentação visto que no “calor da excitação o sangue corre e se junta ao leite e assim estraga” (o leite), podendo provocar diarreias na criança. Em relação a troca de fluídos sexuais, estudos nacionais mostram que a circulação de sêmen de um corpo para o outro, sem a obstrução do preservativo, além de sustentar a noção de uma relação sexual completa estaria relacionada tanto ao estabelecimento de laços fortes de namoro entre duas pessoas (dando um senso de unidade), como carregado de valores e poder tal que circulando livremente no organismo da mulher promoveria um estado “saudável”. Assim, se por um lado, a noção de passagem e transmissão de fluídos corporais estaria estritamente ligada à noção de saúde e de bem-estar, por outro lado pode se associar tais fluídos às categorias de *puro* e *impuro*. Pode-se perceber, a partir de diferentes situações, que o momento de passagem do estado de impureza/pureza em que uma determinada família ou pessoa se encontra, passa para o estado de ordem/perigo (e aqui pode-se entender saúde/doença) através da relação que se estabelece com as substâncias e fluídos corporais (sangue, sêmen, leite materno). A partir, pois, da revisão da literatura sobre os diferentes pontos aqui mencionados, a presente comunicação busca trazer à reflexão o sistema amplo e complexo de produção de saberes e conhecimentos sobre saúde, doença, implementação de políticas e programas de HIV/AIDS em Moçambique. Sem esquecer do significado simbólico que os fluídos corporais (sangue, sêmen e leite materno) representam para muitas comunidades locais. Com base nesta discussão pretende-se iniciar uma articulação teórica com vista a compreender de que modo o HIV/AIDS é experienciado no país.

Palavras-chave: AIDS; saúde; doença; fluídos corporais; Moçambique

## **GT 4 – Emanações do Estado: nos arquivos, nas fronteiras e na educação**

Debatedoras: **Ana Paula Arosi** (doutora PPGAS/UFRGS) e **Heloísa Paim** (doutora PPGA/UFF)

**Alef de Oliveira Lima** (mestrando)

### “Ando onde há espaço”: ética e etnografia em instituições de ensino

Resumo: A proposta do presente trabalho insere-se em uma discussão sobre os sentidos e as especificidades da abordagem etnográfica em instituições de ensino, em especial as escolares. De maneira geral, o texto busca promover, a partir de algumas situações etnográficas vivenciadas durante o trabalho de campo realizado no Colégio de Aplicação/UFRGS, um diálogo com as dimensões da práxis ética em antropologia mediante uma reflexão estrita que envolva os graus de subjetividade do pesquisador e o seu “desejo saber”. Os questionamentos que envolvem a ética antropológica esbarram em um conjunto de relações de poder, assimetrias, hierarquias e desigualdades. Produzindo, por exemplo, a parcialização do conhecimento e a demarcação das topografias sociais do campo. A necessidade de refletir sobre o contato da experiência etnográfica junto aos espaços de ensino-aprendizagem demanda reconhecer os sujeitos ocupam diferentemente um quadro de funções institucionais. A definição dos interlocutores, as opções epistemológicas, a capacidade de objetar dos agentes e o modo em que ocorre a imersão do etnógrafo no universo pesquisado conformam os principais parâmetros discursivos, teóricos, epistemológicos e sociais para se pensar a pertinência do tema da ética e da etnografia nesses espaços. Também se apresenta como objeto de indagação analítica as formas de autorização, anuência e consentimento enquanto categorias distintas que imperam na legibilidade das intenções do antropólogo frente a sua etnografia e seus resultados. Aqui entra em cena o conjunto de peculiaridades para a elaboração das etnografias do/no chão da escola, pois, o pesquisador do cotidiano escolar enfrenta os desafios de lidar com questões de saber/poder, normalizadas em termos de um conhecimento prático (a pedagogia). Somando-se a esses aspectos o fato de ocupar uma posição fronteira; exigente de negociações tácitas que envolvem o diálogo com o corpo docente e gestor. Essas negociações por sua vez estão organizadas e interligadas as redes de poder típica das instituições piramidais. Os impactos subsequentes das assimetrias sociais do campo reverberam em etiquetas e códigos rituais que performam uma geografia das posições poder. Mediante essas coordenadas a problematização do texto adentra na densidade vivencial da eticidade conclamada ao etnógrafo, redundando na indispensável discussão acerca da imputabilidade possível e os limites éticos que os contextos etnográficos acionam diante dos impasses institucionais ou da ausência de comunicação legível ao que a instituição espera e o que o pesquisador propõe.

Palavras-chave: Ética; Instituições de Ensino; Etnografia

**Ana Letícia Meira Schweig** (mestranda)

### Escolarização e territorialidade Kaingang: as lições da terra

Resumo: A partir de uma etnografia junto a professores Kaingang participantes da ação de formação continuada do Ministério da Educação - SECADI “Rede de Saberes

Indígenas na escola – Núcleo UFRGS”, busco pensar sobre as relações estabelecidas entre os professores Kaingang e as instituições estatais responsáveis pela esfera educacional, percebendo os professores Kaingang como sujeitos ativos e produtores de estratégias, conhecimentos e políticas próprias na interação com o estado. O método do bilinguismo perpassou diferentes momentos políticos exercendo um papel colonizador como uma ferramenta de esquecimento e assimilação. A metodologia bilíngue ainda é política escolar, mas a partir da Constituição de 1988 as escolas interculturais bilíngues são consideradas políticas de reconhecimento de diferença. Assim, o espaço escolar abriga desconfiança, tensões, controvérsias, bem como diferentes concepções de escola e conhecimentos. O passado desigual e as consequências da construção de uma ciência hegemônica, perpetuou exclusões, distinções, além de invisibilidade da existência de outros agentes de conhecimentos. Dessa forma, esta comunicação problematiza a escola como local único de educação legitimado e os diferentes modos Kaingang de se relacionar e pensar a instituição. As escolas em terras indígenas têm caráter diverso, como as políticas públicas atuam diante essas diferenças? Como professores indígenas Kaingang pensam o papel da escola? A construção de uma interculturalidade é permeada por tensões, alianças, sonhos e encontros. Nesse constante exercício, a “interculturalidade” é manejada de diversas maneiras, e os professores indígenas passam a adotar novos papéis políticos e estratégias junto às comunidades e seus colegas professores. O presente trabalho atenta para as especificidades não só do povo Kaingang, mas das diversas comunidades que atuam em conjunto para produzir materiais únicos. Professores buscam nos pais e parentes kofá (velhos) que moram nas aldeias, histórias e conhecimentos. Muitos professores consideram essa atividade como pesquisa, envolvendo a comunidade nas tarefas escolares. Como acontece tal pesquisa quando existem comunidades com pouco território, conflitos fundiários e poucas pessoas mais velhas? Nesse sentido, a histórica e atual situação fundiária de tais aldeamentos são importantes aspectos que devem ser considerados na formulação e gestão de política públicas. Busco pensar sobre as relações estabelecidas entre os professores Kaingang, seus contextos históricos e territoriais, e suas escolas, percebendo os Kaingang como sujeitos ativos e produtores de estratégias, conhecimentos e políticas próprias na interação com o estado.

Palavras-chave: Políticas públicas; interculturalidade; indígenas; educação; etnologia

**Isis Karinae Suárez Pereira** (mestranda)

Uma fronteira insubordinada: um olhar periférico para o Estado

Resumo: Esta pesquisa é um desdobramento do trabalho que desenvolvi no âmbito de graduação na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, mais especificamente, as cidades de Santana do Livramento e Rivera, respectivamente. A partir do método etnográfico pretendo analisar a constante (re)construção do Estado provocado pelas dinâmicas sociais, atentando para como as pessoas se relacionam com as instituições do Estado, sejam elas escolas, museus, hospitais, entre outras. Uma das propostas da pesquisa é analisar documentos de identidade, considerando os motivos que levam as pessoas a obter um documento de outra cidadania, o modo como obtém e os usos que fazem desses papéis. A obtenção de documentos de outra cidadania são logrados a partir de um conjunto de estratégias compartilhadas socialmente pelos fronteiriços(as). Os Estados são os criadores dessa dualidade (QUADRELLI,2002), de existir um Brasil e um Uruguai, sendo pelos fronteiriços reduzidos a do lado de "cá" e do lado de "lá". A dualidade entre o legal e ilegal também se reduzem nas situações



ocorridas, existe um modo de ser e fazer (DE CERTEAU, 1998) que é compartilhado culturalmente, questões de legalidades foram os criadores dessas informalidades. Sendo nestas questões o espaço para perceber o Estado na fronteira (AZZAIZ, KESSLER, TELLES, 2010). As relações existentes na região, possibilitadas por acontecerem em um espaço periférico viabilizam a recriação dos fronteiriços(as). Um espaço habitado e usado com propósitos funcionais, portanto podemos nos referir a estudos sobre cidadania e identidade na região em questão, tendo sempre que lidar com situações políticas e burocráticas. O campo me demonstrou, a partir das dinâmicas diárias constituídas na informalidade, o quanto o Estado se apresenta na região em moldes não tradicionais. Essas informalidades desafiam a ordem e progresso do Estado e por outro lado reforçam a emergência de translocalidades, as situações de fronteira criadas pelos fronteiriços são compartilhadas de um modo mais abrangente do que o Estado é capaz de suportar (APPADURAI, 1997). A proposta de uma continuação da pesquisa é neste momento problematizar a relação Estado-fronteiriço e Estado-fronteira para compreender o perfil do Estado no espaço estudado, demonstrando sua descentralidade.

#### Referências

- APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. *Novos Estudos* (São Paulo) n.49, p. 33-49, 1997.
- AZAÏSS, Christian; KESSLER, Gabriel; TELLES, Vera da Silva. *Ilegalismos, cidade e política*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- QUADRELLI, Andrea. *A fronteira inevitável: um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica*. Tese de doutorado (Programa de pós-graduação em antropologia social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

#### **Lucas Riboli Besen (doutorando)**

##### Ordenando arquivo(s), produzindo segredo(s): pensando acessos/restrições enquanto respostas à produção etnográfica em contexto de pesquisas em/com órgãos do Estado brasileiro

Resumo: O presente trabalho tem como motivação pensar três diferentes campos etnográficos a partir de uma preocupação em comum: a noção de segredo dentro de órgãos públicos do Estado. A partir de etnografias de arquivo (HENARE; HOLBRAAD; WASTELL, 2007; STOLER, 2002) e praxiografias (MOL, 2002) das práticas jurídicas e científicas que conformam o campo jurídico do Estado brasileiro, tomo como questão principal pensar o(s) segredo(s) enquanto uma ferramenta analítica para a produção do Estado através do acesso/restrição à documentos/arquivos nos órgãos públicos. Esta análise é inspirada nos trabalhos de Ann Laura Stoler (2002), que, ao analisar a circulação e produção de segredos dos arquivos coloniais, questiona-se que os segredos de Estado não seriam necessariamente verdades secretas sobre o mesmo, mas promessas de confidências compartilhadas. Logo, “If state secrets are more attention-getting annotations than conventions of concealment, then how state secrets were produced, what was a secret at one time and later not, may index the changing terms of what was considered ‘common sense’, as well as changes in political rationality.” (STOLER, 2002, p. 108). Assim, ao invés de pensar o segredo enquanto algo a ser desvelado, Stoler nos propõe a pensa-lo enquanto uma ferramenta analítica de produção do Estado, de uma promessa de confidências compartilhadas, onde a restrição de seu acesso nos conta muita mais sobre as redes em que as informações

estão postas do que sobre algo que deva ser escondido/revelado por sua própria natureza. Nesse sentido, proponho apresentar como, em três contextos etnográficos diferentes – a saber, os laudos e as práticas do laboratório de perícias químicas da Polícia Federal; os processos civis de retificação de nome e gênero na Vara de Registros Públicos do Foro Central; e a produção e circulação da coleção “Triangulo Rosa” do Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp –, o(s) segredo(s) foram articulados como forma de compor a noção de Estado, possibilitando acessos e restrições a fim de compor a circulação de diferentes atores (humanos e não-humanos), produzindo diferentes performance do Estado. Ao contrapor essas diferentes redes de produção dos saberes jurídico-científicos, podemos entender melhor os termos e as racionalidades políticas colocadas em prática dentro dos órgãos públicos. Para além, podemos melhor entender como que os efeitos de Estado (MITCHELL, 2006) se formam a partir da própria etnografia.

Palavras-chave: Etnografia de Arquivo; Estado; Segredo; Praxiografia; Campos up  
Referências

HENARE, Amiria; HOLBRAAD, Martin; WASTELL, Sari. Introduction: thinking through things. In: HENARE, A.; HOLBRAAD, M.; WASTELL, S. (Org.). *Thinking Through Things*. Oxon e New York: Routledge, 2007, p. 1–32.

MITCHELL, Timothy. Society, Economy, and the State Effect. In: SHARMA, A.; GUPTA, A. (Org.). *The Anthropology of the State: a reader*. Oxford, Carlton e Malden: Blackwell Publishing, 2006, p. 169–186.

MOL, Annemarie. *The body multiple: Ontology in medical practice*. Durham and London: Duke University Press, 2002.

STOLER, Ann Laura. Colonial archives and the arts of governance. *Archival Science*, mar. 2002. v. 2, n. 1–2, p. 87–109. Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1007/BF02435632>>.

## **GT 5 – Antropologia e as redes: internet, globalização, mercados e circulações**

Debatedora: **Lucia Scalco** (pós-doc CNPq – UFRGS)

**Aline Lopes Rochedo** (doutoranda)

### É dando que se retribui: a dádiva na circulação e na transmissão de joias de família

Resumo: Proponho apresentar reflexões formuladas na fase inicial do trabalho de campo de minha pesquisa sobre lógicas de transmissão e circulação de joias de família no sul do Brasil. Guiada por teorias da dádiva, de Marcel Mauss a Annette Weiner, passando por Maurice Godelier e Alain Caillé, entre outros, parto do princípio de que doação, recebimento e repasse desses bens com vínculo explicitam dinâmicas que subjazem às interações entre gerações e nos permitem acessar esse fenômeno associado a uma classe de coisas chamada por Anne Gotman de herança livre, fora do objetivo de frutificar o capital da família, mas dentro de um sistema no qual se espera que o portador faça o repasse da geração que o precedeu para a seguinte. Com base em entrevistas semiestruturadas e conversas informais com doadores, receptores, aspirantes à guarda desses objetos, herdeiros não contemplados e joalheiros, além da consulta a periódicos, inventários e obras literárias, infiro que, em movimento, essas dádivas fundamentadas em parentesco evidenciam entendimentos sobre relações, reciprocidade e obrigações morais, reforçando ou afrouxando laços, posicionando e reposicionando os sujeitos em mapas de afetos, engendrando e alterando hierarquias, indicando quem é quem na família, quem são os próximos e quem são os distantes. Ademais, em sua materialidade, presentificam ações

passadas, promovendo a (re)experiência de práticas, usos, performances e relações com temporalidade e ciclos que conectam sujeitos. Trato de coisas de natureza distinta daquela das joias associadas apenas à ideia de adorno corporal elaborado com metais nobres e gemas, objeto valioso e útil, alienável, desprovido de valor sentimental. Em minha etnografia, a noção de joia de família se mostra ampla, sendo necessário situá-la em contextos específicos de vivências afetivas. Há bens feitos com metais preciosos e gemas, mas joias de família podem ser de madeira. E não precisam ser brincos, anéis nem broches. Um interlocutor me apresentou um taco de sinuca do falecido pai. Outra joia de família é um cavalo de balanço transmitido há quatro gerações do filho mais velho para seu filho mais velho. Pela primeira vez desde 1917, quando o brinquedo foi fabricado em Ijuí, numa comunidade de imigrantes suecos, a dona do cavalinho é uma menina. O que há nessas coisas que fazem com que sejam transmitidas? Como são repassadas? Para quem? Por onde circulam? O que significa recebê-las? O que significa não recebê-las? O que se produz na circulação desses objetos? Quais relações emergem desses movimentos? Como são guardadas? Para além dessas indagações, parece haver normas prescritas para as transmissões – como viés de gênero ou ordem de nascimento – e para a necessidade da permanência no grupo. De mão em mão, de fotografia em fotografia e de relato em relato, criam-se dívidas e legam-se disputas, silêncios, vergonhas, sonhos, honrarias, expectativas, saudades. A transmissão de joias de família, portanto, é um sistema de dádiva na medida em que ao dar se está retribuindo. Quem entra nesse ciclo ao receber precisa dar a descendentes para, nesse movimento, retribuir a antepassados. Palavras-chave: joias de família; dádiva; herança; afeto

**Débora Wobeto** (mestranda)

#### A internet e o consumo de séries estrangeiras no Brasil

Resumo: Uma pesquisa<sup>1</sup> da empresa alemã Excipio<sup>2</sup>, publicada na revista especializada Variety, revelou que em 2014 o Brasil foi líder mundial em download ilegal de séries televisivas, ao todo, foram baixados cerca de 28,4 milhões de arquivos audiovisuais via torrent<sup>3</sup>. Além do Brasil, despontam na lista países com a Rússia (28,1 milhões), a Índia (16 milhões), a Austrália (15,4 milhões), a China (14,9 milhões) e os Estados Unidos (14,4 milhões). As legendas, disponibilizadas gratuitamente na internet, são produzidas por grupos de pessoas - na maioria fãs das séries – que traduzem os episódios e disponibilizam a legenda na rede poucas horas após sua exibição no país de origem. Historicamente, o consumo de filmes e séries norte americanas tem influência no Brasil desde a década de 1960, apresentando um pico nos anos 1990, com a chegada da TV a cabo no país. Embora a TV a cabo tenha ampliado e facilitado o acesso, a maior parte dos conteúdos não são transmitidos simultaneamente nos dois países. O tempo entre a exibição nos EUA e no Brasil vem sendo suprimido pelos grupos de legendadores amadores que se organizam para criar circuitos alternativos de produção de legendas e distribuição de séries na internet. A atuação desses grupos garante que os episódios sejam disponibilizados para download logo após a estreia nos EUA. A captação do vídeo e do som e a transcrição dos diálogos em inglês no país de origem são as condições mínimas para que o conteúdo compartilhado seja adaptado. Nesse contexto, muito se discute sobre a legendagem favorecer a circulação não oficial de séries. É neste complexo cenário de transformação dos bens e práticas culturais que esta pesquisa se situa. A questão analítica central é a legendagem amadora de séries televisivas no Brasil. Quais as

conformações desta prática e como ela se relaciona com o mercado formal de séries? Na aproximação com o campo, a produção de dados etnográficos se dá a partir dos canais digitais de alguns grupos de fansubbing e do site legendas.tv, a fim de revelar como a produção e compartilhamento de legendas na internet cria dinâmicas de reciprocidade. Além disso, fontes bibliográficas secundárias são mobilizadas a fim de compreender o consumo de séries no limiar da pirataria e do mercado formal. É importante salientar que esta é uma pesquisa inicial, de caráter exploratório, portanto ainda não foram realizadas entrevistas, tampouco se estabeleceu contato direto com os legendadores.

Palavras-chave: Ciberespaço; Pirataria; Séries; Fansubbing

Notas

<sup>1</sup> <http://variety.com/2015/digital/news/top-10-pirated-tv-shows-of-2014-game-of-thrones-walking-dead-lead-list-1201390863/>

<sup>2</sup> Excipio é uma empresa de TI especializada no rastreamento e análise de dados de pirataria. <https://www.tecxipio.com/company>.

<sup>3</sup> Protocolo de compartilhamento de arquivos P2P (Peer to Peer). Criado por Bram Cohen em 2001.

**Diessica Shaiene Gaige** (doutoranda)

### A expansão global do UFC e a construção do mercado de lutas

Resumo: O MMA (ou mixed martial arts) caracteriza-se como um combate desarmado entre duas pessoas. Em uma luta, os competidores procuram combinar as mais variadas técnicas das artes marciais (como o boxe, jiu-jitsu, caratê, judô, etc.) e, de modo geral, as competições são organizadas em três rounds de cinco minutos, exceto quando há disputa de cinturões e/ou considera-se um combate relevante para o campeonato. A popularização das artes marciais mistas à nível mundial é um fenômeno recente e deve-se, em parte, ao relacionamento intenso com o marketing. O Ultimate Fighting Championship (UFC) é hoje uma das maiores organizações de MMA e sua expansão deve-se a diversos fatores, como, por exemplo, o investimento em serviços *pay per view* e mídias sociais e na produção de artefatos para lutas e acessórios em geral. As artes marciais mistas ainda são pouco estudadas pelas Ciências sociais e os trabalhos existentes no Brasil discutem o tema pelo olhar dos estudos de gênero, da antropologia religião e do consumo. É diante desse contexto que pretendo, através de uma abordagem teórica da antropologia econômica, explorar os elementos que contribuem para a constituição de um mercado de lutas global, no qual a legalidade e ilegalidade andam entrelaçados ao consumo e na formação de fãs engajados. A comparação entre Brasil e Estados Unidos se fará presente pois nos permite destacar as diferenças de ambos os países quanto a popularização do MMA, ao mesmo tempo em que nos possibilita compreender como eles se relacionam e contribuem à sua maneira no crescimento e visibilidade dessa prática esportiva. Os resultados a serem apresentados fazem parte de uma pesquisa ainda em andamento.

Palavras-chave: artes marciais mistas; mercado de lutas; UFC

Referências

ALMEIDA, SEBASTIAO CARLOS FERREIRA DE. MIXED MARTIAL ARTS (MMA) NO BRASIL: MASCULINIDADES EM DISPUTA' 10/06/2016 442 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Federal de Goiás.

ALVES, FELIPE MAGALHAES LINS. DO NOCAUTEAR O INIMIGO À VITÓRIA DOS JUSTOS: projetos de "salvação" e estratégias religiosas para jovens lutadores de MMA no Rio de Janeiro' 31/08/2015 159 f. Mestrado em Ciências Sociais Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, Seropédica Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFRRJ.

GUIMARAES, FELIPE CHAVES. PRATICAS SOCIAIS DE CONSUMO PELO ÊXTASE: ARTES MARCIAIS MISTAS, MASCULINIDADE E NOVO ESPORTE-ENTRETENIMENTO' 28/03/2014 97

**Jose Luis Abalos Junior** (doutorando)

De onde vem os desenhos na cidade? Cidade, globalização e artificação em uma pesquisa etnográfica com grafite em Porto Alegre/RS

Resumo: Na época em que Pendleton Ward desenvolveu o desenho animado “Adventure Time”, criado para a grande Cartoon Network, seus monstros dentuços invadiram a imaginação criadora de artistas urbanos no sul Brasil. Durante o tempo em que as paredes de Venice Beach californiana abrigaram a street art com influências do skate e do surfe, os traços praianos acabaram virando referência do estilo “East Coast”. Quando a histórica e reconhecida revista de skate “Transworld Skateboarding” lançou suas primeiras edições, na década de oitenta, seus exemplares chegaram a uma velha e fedida banca de esquina de Pelotas/RS. Acontecimentos como estes, aparentemente desconexos, fazem sentido quando nos propomos a pensar a memória das inserções de novas tecnologias da informação nos modos de fazer da street art na cidade de Porto Alegre/RS. Dentro dos universos de pesquisas associadas aos temas das intervenções artísticas urbanas conceitos como o de globalização (Featherstone, 1991), pixelização (Campos, 2012) e artificação (Shapiro, 2012) fazem parte de um arsenal de possibilidade para pensar a Street Art a nível global. Porém o que podemos perceber nestes estudos são a importância das localidades enquanto produtoras de intervenções na cidade não dissociadas de novas escrituras hipermediáticas no mundo digital. Este trabalho consiste em uma pesquisa realizada no acompanhamento etnográfico com três grafiteiros de primeira e segunda geração que têm como espaço de intervenção a localidade de Porto Alegre/RS. Primeiramente procuro demonstrar como os processos de globalização de tecnologias digitais influenciaram o modo de produção da street art na cidade, mas também como elas foram adaptadas e agenciadas por estes grafiteiros. A etnografia tem muito a contribuir com os estudos de globalização quando mostra a versão particular, cotidiana e como está sendo apropriada. Hoje esta manifestação envolve não apenas a comunidade tradicional da arte urbana, mas vários outros atores sociais, como galerias e administrações municipais que contribuem para adicionar não apenas valor estético, mas também um valor econômico significativo. Como uma grande variedade de artefatos pictóricos (tradicionalmente caracterizados como marginais) estão sendo transformado em bens simbólicos com valor estético e econômico e incluídos no que é chamado de arte urbana? Outra questão também se fazem possíveis como: quais são os percursos da arte urbana em Porto Alegre? Como, localmente, se dá o fenômeno da comercialização e museificação do grafite? Refletindo a respeito de um rápido e complexo processo de institucionalização, artificação e comercialização desta linguagem visual, espero contribuir com os debates mais recentes sobre legitimação política e mercantilização dessas práticas artísticas.

Palavras-chaves: Memória Social; Arte Urbana, Grafite Legalizado; Museificação; Cultura Visual

## **GT 6 – Jovens entre as tecnologias de governo e as burocracias**

Debatedor: **Norberto Decker** (doutor PPGAS/UFRGS)

**Alessandra Estevam da Silva** (mestranda)

### Aspectos burocráticos do Colégio Militar de Porto Alegre: alguns apontamentos etnográficos

Resumo: O presente artigo foi apresentado como trabalho final da disciplina “Ciência, Política e Sociedade” – com foco na antropologia da burocracia e da infraestrutura –, ministrada pela professora Claudia Fonseca, no segundo semestre de 2016, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As discussões deste paper tem como pano de fundo as imersões etnográficas para a pesquisa que desenvolvo no mestrado, na qual objetivo compreender as concepções docentes sobre Natureza da Ciência. Com os aportes teórico-metodológicos da antropologia da ciência, iniciei minha etnografia, ainda em curso, no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), me aproximando particularmente dos professores de física e de suas práticas docentes no laboratório de física e no clube de astronomia. À medida que fui adentrando na escola, outros elementos se agregaram e se colocaram como importantes para uma análise pertinente do ensino e aprendizagem de ciências. Neste artigo, vou discorrer sobre alguns desses elementos na perspectiva das contribuições de uma antropologia da burocracia, e a partir de três casos etnográficos. Tomo como pressuposto que os sistemas burocráticos, geralmente relacionados às tecnologias de governo, possuem arbitrariedades e incoerências, fruto não apenas de erros humanos, mas também de sua constituição sistêmica intrínseca. Primeiro, ao descrever a negociação para minha entrada em campo, aponto como o esforço de legibilidade, simplificação e administração, ligado principalmente ao Estado e suas tecnologias de governo, aparece também na instituição escolar e se coaduna com a especificidade do militarismo característico do CMPA. Esses dois aspectos – que estão entrelaçados e são mutuamente constitutivos – são performados também a partir e através de documentos, uniformes e rituais. Em seguida, relato como o sistema do colégio sofre burlas, em consonância com a tese da arbitrariedade das estruturas de controle e a inventividade dos agentes envolvidos – sejam eles burocratas (a gestão escolar), mediadores (os docentes) ou “subalternos” (os alunos). Faço isso narrando uma controvérsia ocorrida em torno do GIP – Grau de Incentivo à Participação – (GIP), uma espécie de ponto dado ao estudante que participa de alguma atividade extracurricular do colégio. Ao mesmo tempo, reflito sobre como fui afetada pelos efeitos estéticos, poéticos e materiais dos “mediadores burocráticos” encontrados no CMPA.

Palavras-chave: Antropologia; Burocracia; Colégio Militar

**Helena Patini Lancellotti** (doutoranda)

### Vigilância, transgressão e moralidades: As tornozeleiras eletrônicas e as audiências de justificativa

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar alguns dados iniciais da pesquisa que realizo no doutorado sobre os circuitos da tornozeleira eletrônica, em Porto Alegre/RS. As tornozeleiras eletrônicas, artefatos cada vez mais comuns no

sistema prisional brasileiro, são objetos acoplados no tornozelo de apenados criminais como uma alternativa de baixo custo à lotação dos presídios, pois a pena poderá ser cumprida em sua residência e não em um estabelecimento prisional. Após a instalação do aparelho, a pessoa passa a ser vigiada 24 horas por dia pela Divisão do Monitoramento Eletrônico (DME) e deve cumprir uma série de normas: estar em casa em determinados horários, não violar certos territórios e não descarregar, danificar, e nem tentar retirar o aparelho do seu corpo. A tornozeleira funciona a partir de duas tecnologias: O GPS e o GPRS. O primeiro é responsável por emitir a localização exata de onde o monitorado está, de minuto a minuto, e assim que se completam um total de cinco minutos de informações armazenadas, ocorre o envio dos dados a partir da tecnologia de GPRS para a central do monitoramento. Através dessas informações é possível que se identifique os locais em que pessoa esta, a velocidade que está se movimentando e as possíveis violações do território e do próprio aparelho. Quando ocorre alguma transgressão as regras do uso da tornozeleira, o monitorando deverá participar de uma audiência de justificativa para explicar o porquê da violação e se justificar perante um defensor público, um promotor e um juiz relatando o motivo de ter descumprido algum dos critérios do aparelho. A partir deste relato, é que caberá ao juiz decidir sobre o destino do apenado: se receberá, por exemplo, um castigo a ser cumprido no regime fechado ou se a transgressão será perdoada. Tendo como ponto de partida as observações realizadas nessas audiências, proponho que será possível identificar quais moralidades, emoções e categorias são acionadas para justificar a violação e sensibilizar o magistrado a fim de não receber um castigo, assim como quais justificativas são aceitas por quem tem o poder de decisão. Por fim, trata-se de uma tentativa inicial e experimental de discutir alguns dados da pesquisa que estou realizando sobre as tornozeleiras eletrônicas e os espaços mobilizados por este artefato.

Palavras-chave: Tornozeleiras eletrônicas; Moralidades; Antropologia do Direito

**Irina Mendes** (mestranda)

Adolescentes em conflito com a lei: Uma análise sobre os motivos que levam adolescentes a reincidência no ato infracional de roubo na URLBM em Fortaleza/CE

Resumo: O problema desse estudo ocupa as páginas dos jornais de todo o Brasil. A rigor, a reincidência dos adolescentes nos atos infracionais cresce a cada dia. No Brasil, situações peculiares de conflito com a lei, possuem repercussões de natureza social extrema. Fato este, que constitui num dos motivos de grande preocupação, o qual merece atenção da família, do Estado e da sociedade, em busca de soluções à essa problemática. Este trabalho tem como objetivo repensar uma pesquisa etnográfica desenvolvida 2012 a 2013 com adolescentes em conflito com lei na delegacia de criança e adolescente em fortaleza-Ce. Que tenha como objetivo investigar os motivos que levam os adolescentes a reincidência no ato infracional de roubo na Unidade de Recepção Luís Barros Montenegro - URLBM /Fortaleza/ CE. A investigação é de natureza quali-quantitativa, bibliográfica, exploratória (de campo) e documental, pois utilizou para a obtenção dos dados, entrevistas do tipo parcialmente semiestruturadas, sendo realizada a análise dos discursos bem como, os diários de campos da observação participante, compreendendo-os enquanto resposta, de adolescentes, ao lugar que eles ocupam no contexto social contemporâneo. O interesse por esse recorte surgiu a partir de um estágio realizado na Unidade recepção Luís Barros Montenegro local que acolhe os adolescentes acusados da prática de atos

inflacionais, por até 24 horas, encaminhados pela Delegacia da Criança e do Adolescente - DCA, ou pelo Juiz da Infância e da Juventude e/ou pelas comarcas do interior do Estado, enquanto a medida sócia educativa é estabelecida judicialmente. Essa experiência também me possibilitou participar das audiências no Juizado da infância e Juventude da 5ª Vara pelo Projeto Justiça Já, do Ministério da Justiça. Essa experiência me permitiu ouvir diversas falas de jovens e seus familiares. A idéia da pesquisa foi surgindo através do contato semanal com esses adolescentes que se encontravam reclusos, Nesse espaço socioeducacional nos deparamos com adolescentes que cada vez mais cedo se envolvem no mundo do crime. A grande relevância é compreender essas questões, pois o adolescente em conflito com a lei é uma realidade na sociedade contemporânea e a reincidência é elevada. É importante entender quais os fatores que colaboram para que os adolescentes reincidam na criminalidade, avaliando também o papel da família na vida desses adolescentes. Não podemos deixar de salientar o perfil comum a esses jovens, buscando entender como estes veem o sistema sócio-educativo, com uma visão punitiva ou de recuperação. Um trabalho que se dedique a investigar o adolescente em conflito com a lei e os motivos da reincidência no ato infracional de roubo, temas tão polêmicos na atualidade, certamente não esgotará as conclusões possíveis sobre o assunto. Diante de um contexto tão diverso e cheio de peculiaridades, é impossível destacar esse ou aquele motivo como impulsionador da prática de atos infracionais, no entanto, foi possível ressaltar vários fatores que colaboram para esse caminho. Tudo que aqui foi exposto deságua em uma única palavra que é ausente na vida desses adolescentes: CIDADANIA. A falta de cidadania na vida, nos lares, nas comunidades, no Estado, e no país dessas inúmeras crianças e adolescentes é resultado de anos de desigualdade social e da não efetivação dos seus direitos básicos, como educação, saúde, moradia digna, lazer, entre outros. Percebe-se que se houvesse a promoção desses direitos constitucionalmente fundamentais, os adolescentes teriam maiores possibilidades de se distanciarem da prática de atos ilícitos.

Palavras-chave: Adolescentes em conflito com a lei; Reincidência; Medida Socioeducativa de Abrigamento

**Janaina de Souza Bujes** (mestranda)

Tecnologias de Governo e práticas do Estado como política da (e na) socioeducação: um debate sobre o atendimento de saúde para jovens internados na FASE/RS

Resumo: Nas últimas décadas, alguns autores têm apontado para uma modificação na gestão da vida, do comportamento e da subjetividade humanas, a partir de novas tecnologias médicas, o que se convencionou chamar de medicalização da vida. Na psiquiatria, distúrbios de ansiedade, déficit de atenção e hiperatividade, alterações de humor ou transtornos de personalidade são expressões passaram a integrar os diferentes discursos e relações humanas, podendo ser considerados como uma nova gramática de gestão da população. Tais práticas, disseminadas na sociedade, passaram a ser adotadas pelo Estado e suas instituições, como mecanismo de controle social. O trabalho visa refletir sobre a emergência dos discursos do transtorno mental e suas consequências nas relações do Estado com adolescentes em conflito com a lei. A partir da perspectiva etnográfica multisituada, o estudo analisa o caso da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul, utilizando documentos institucionais com relatos de atores estatais e de jovens egressos do sistema socioeducativo para problematizar a questão. A investigação parte da



hipótese de que esta é uma biopolítica de disciplinamento e contenção de corpos, como forma de controle e prevenção de riscos para os jovens e para a sociedade. Em finalização da discussão dos dados obtidos, é possível perceber que houve uma série de modificações no campo de atenção à juventude, com a constituição de novas subjetividades dos atores envolvidos e de uma economia política sobre o ato infracional, passam a ser estabelecidas e problematizadas ao mesmo tempo em que o Estado busca criar protocolos de atendimento aos jovens internados, enquanto que as famílias, adolescentes e militantes questionam os conhecimentos sobre os medicamentos e seus efeitos, assim como a necessidade das prescrições e os fins terapêuticos pretendidos. Os desdobramentos das questões envolvem diversas controvérsias e contingências, as quais põem em evidência diagnósticos como tecnologias de governo que colonizam a justiça juvenil e que são utilizados sobre esta parcela de jovens internados. A partir desse material, o estudo aponta para uma discussão sobre as tecnologias de governo que constituem os sujeitos e suas práticas, as economias morais envolvidas, a fim de buscar a inteligibilidade dos discursos, das agências e das diferentes moralidades imbricadas nas noções de doença, diagnósticos e medicalização, que são mobilizadas pelos agentes na constituição de subjetividades e práticas de intervenção estatal sobre a juventude internada, bem como nas narrativas de direitos humanos que estão sendo discursivamente articuladas em políticas da e para a vida.

Palavras-chave: Justiça Juvenil; Medicalização; Tecnologia de Governo; Políticas Públicas

## **GT 7 – Múltiplas escalas, múltiplas alteridades: tecnologias, relações multiespécies, etnicidade e religião**

Debatedor: **João Dorneles Ramos** (pós-doc PNPD/CAPES - PPGAS/UFRGS)

**Eduardo Santos Schaan** (mestrando)

### Topologias da alteridade: Diálogos Mbya Guarani do Sul do Brasil com seu território

Resumo: O trabalho desenvolvido investiga a pluralidade de domínios espaciais de alteridades humanas e extra-humanas no território (yvy rupa) Mbya Guarani, este englobando diversas áreas do Cone Sul. Estudam-se os processos de negociação, antecipação de movimentos e diálogo entre alguns Guarani e representantes e donos dos domínios espaciais. Este processo de diálogo ocorre de diversas maneiras, seja através de sonhos, mediações xamânicas ou práticas cotidianas. O território Mbya se constitui como uma topografia de alteridades, em que há um processo intenso de negociação com donos, espíritos e seres, que têm domínios territoriais, celestes e aquáticos específicos, seja próximo à aldeia, a longas distâncias ou em outros planos cosmológicos. O território então se torna não somente mapa ou geografia, mas teia viva, composta por grupos de seres e alteridades em vários planos cósmicos. O trabalho se apoia em etnografias que acompanham os percursos dos Mbya Guarani pelo território, em suas vivências cotidianas. As pesquisas foram realizadas a partir de 2014, em aldeias da região metropolitana de Porto Alegre, mas envolvendo aldeias de Santa Catarina, sul e norte do Rio Grande do Sul. As trajetórias Guarani em seu território passam por festas entre aldeias, campeonatos, relações com vizinhos,

pescarias, idas ao açude e ao mercado, comparecimento a funerais e batizados, todos são aspectos considerados nestas experiências que as pessoas Mbya constroem com as localidades em que vivem ou visitam. Ao contrário dos olhos não indígenas, os Mbya veem vida ao seu redor, enquanto nós vemos coisas. Também é importante ressaltar a variabilidade de percepções sobre o território a depender de cada contexto em cada aldeia, em que demandas, teorias e ênfases particulares são feitas por cada comunidade sobre seu território. A relação entre a ampla territorialidade Guarani e as interligações propostas pelo xamanismo e pelos planos divinos do mundo também são exploradas, como um outro tipo de territorialidade e que traz questões políticas específicas. No relacionamento entre não indígena e indígenas, essas várias diferenças de percepção causam mudanças de diálogo, modulações na comunicação entre os dois grupos, e que estão relacionadas nas filosofias e teorizações sobre a vida elaboradas pelos Guarani, especialmente por xamãs e anciãos.

Palavras-chave: Mbya-Guarani; Territorialidade; Alteridade; Xamanismo

**Janaína Freitas** (doutoranda)

O sexo (anormal) dos embriões: práticas de materialização do corpo (inter)sexuado em Screenings Pré-Implantacionais

Resumo: Uma nova tecnologia de detecção de doenças genéticas em embriões, conhecida pela sigla em língua inglesa *PGS* (*pre-implantation genetic screening*), ou pela versão em língua portuguesa, (*screening* genético pré-implantacional) têm se popularizado nos últimos anos. Esse teste, realizado em procedimentos de fertilização in vitro (FIV), avalia células do embrião com vistas a diagnosticar anormalidades cromossômicas. Dentre as ditas anormalidades passíveis de identificação por esse tecnologia figura a Síndrome de Turner, a Síndrome de Klinefelter e a Síndrome do Triplo X, conhecidas etiologias ligadas ao corpo (inter)sexuado. Tendo isso em vista, interessada em investir em uma descrição etnográfica que mapeie as práticas materiais-semióticas de materialização do sexo (HARAWAY, 1995), viso investigar como opera a produção dos corpos (inter)sexuados a partir desse aparato de produção corporal específico: o PGS. Para tanto, engajada com um projeto feminista de objetividade, me interessa investir em uma etnografia que permita rastrear as práticas e os atores envolvidos na produção de fronteiras entre um sexo entendido como “normal” e um sexo cromossômico “anormal” nesses embriões. Para além disso, ensejo compreender o manejo posterior desses embriões, em casos de detecção de anormalidade cromossômicas ligadas ao sexo.

Palavras-chave: sexo; *intersex*; PGS; materialidades

**Leandra Pinto** (doutoranda)

“Etnografia multiespécies”: desafios e perspectivas no campo dos estudos humano-animais

Resumo: Caracterizando-se como método por excelência no campo da antropologia, a etnografia suscita para reflexões sobre alteridade e representação, temas clássicos que remetem aos fundamentos da disciplina. Considerando as complexidades da pesquisa feita om humanos, a etnografia tornou-se lugar propício para o debate sobre dimensões éticas, estéticas e políticas que acabaram por transformar o modo como o trabalho antropológico é conduzido. Essas complexidades se acentuam quando se

tratam de pesquisas no campo dos estudos humano-animais, que apontam para as dificuldades de produzir descrições que escapem às visões utilitaristas, nas quais existências não-humanas são objetificadas e/ou invisibilizadas na escrita antropológica. Sendo assim, a virada ontológica no pensamento social contemporâneo tem contribuído como movimento de revisão dos pressupostos da ciência moderna, demonstrando os limites de uma epistemologia antropocêntrica que limita a forma como percebemos e representamos a convivência com outras espécies animais. Logo, tendo como referência novas formas de conceber a presença não-humana no cotidiano social, busco com este estudo fomentar um lugar de reflexão sobre os desafios e contribuições de uma etnografia multiespécies, proposta que visa simetrizar os agenciamentos humanos e não-humanos na descrição etnográfica.

Palavras-chave: Etnografia multiespécies; Estudos humano-animais; Alteridade; Representação

**Lucas Gonçalves Brito** (doutorando)

Existe uma umbanda homogênea? De um paradigma teórico de busca por origens a uma abordagem epistêmica

Resumo: Há vários estudos que interpretam a Umbanda como uma religião intimamente ligada à certa visão de mundo, a qual concebe a cultura brasileira como a junção de três povos; os africanos, os indígenas e os europeus. A Umbanda, segundo algumas interpretações, teria “nascido” em 15 de novembro de 1908 e adquirido o epíteto de religião nacional do Brasil através da apropriação dessa cosmovisão por parte de intelectuais umbandistas. Entretanto, há autores que questionam esse modelo interpretativo, afirmando que não há somente uma Umbanda, mas múltiplas umbandas. Além disso, asseveram também que foi a umbanda branca que se institucionalizou no início do século XX. Com o objetivo de refigurar a questão das origens, este texto apresenta os argumentos centrais de pesquisas que têm buscado ferramentas analíticas alternativas à hipótese hegemônica. Através de uma revisão teórica, argumenta-se pela hipótese de que a complexidade das umbandas não pode ser reduzida aos traços característicos de uma de suas formas. Pesquisas recentes têm demonstrado que pretos-velhos se manifestavam por meio de médiuns antes de 1908. Estes relatos sugerem que o estabelecimento de certa umbanda enquanto modelo normativo para o culto aconteceu post ipso facto, por meio da obra de certos segmentos de intelectuais umbandistas, cujo esforço de adaptação de sua expressão religiosa aos valores dominantes da época, resultou no embranquecimento e invisibilização dos símbolos e procedimentos rituais considerados africanos. Houve, portanto, uma umbanda branca fundada nos primeiros decênios do século XX, a qual traduziu valores do Estado Novo no quadro de um tipo de “nacionalismo religioso”. Entretanto, essa umbanda branca, a partir da qual se construiu o modelo interpretativo sempre reproduzido, não poderia ser generalizada como se fosse toda “a Umbanda” sem o risco de conduzir as pesquisas a teorias reducionistas. Se havia ritos denominados umbandistas antes de 1908, o que faremos, pesquisadoras e pesquisadores, com o pressuposto de que há uma “Umbanda” e que ela nasceu no século XX? Este texto, portanto, sugere a necessidade de que se reflita seriamente sobre os pontos levantados pelo questionamento contemporâneo. Apresenta-se, por fim, a hipótese de que as noções de movimento umbandista e conhecimento umbandista podem superar o modelo paradigmático.

Palavras-chave: Umbanda; Movimento umbandista; Conhecimento umbandista; Multiplicidade

## **GT 8 – O trabalho e o indefectível das identidades, raça e memória**

Debatedora: **Luísa Dantas** (doutora PPGAS/UFRGS)

**Cássio Henrique Silva da Silva** (mestrando)

A vulnerabilidade social e emocional devido à desvalorização da identidade negra e seus símbolos

Resumo: O caráter competitivo e individualista de nossa sociedade potencializa a “sabotagem” em relação à ascensão de nível social dos negros, quando arbitrariamente ocorre uma escolha guiada pelo corporativismo racial branco. Essa afirmação vem amparada em análises de textos das ciências sociais e histórias de vida acessadas no cotidiano. Pretendo fazer uma exposição oral refletindo acerca da formação social e cultural do Brasil, onde a cor da pele pressupõe um mérito pré-estabelecido devido à origem étnica até os dias de hoje. De fato, o pré-requisito da “boa aparência” foi usado em divulgações de ofertas de emprego nas décadas de 70 e 80 do século XX e, após ser proibido devido à sua expressão discriminatória, agora é praticado de forma sublime e cinicamente silenciosa.

Palavras-chave: Injustiça social; racismo; reparações

**Javier Llanes Calixto** (mestrando)

As redes humanas conectadas nas redes de computadores. Estudo antropológico sobre as relações de trabalho de imigrantes em empresas de TI

Resumo: A pesquisa aqui apresentada pretende embasar minha dissertação de mestrado e está na fase inicial de estruturação. Há mais de vinte anos a terceirização dos serviços em Tecnologia da Informação vem ganhando terreno. É prática comum hoje, nas empresas de médio e grande porte, que o desenvolvimento de software e o suporte a usuários, dentre outros serviços, sejam contratados com empresas especializadas, prestadoras de serviços de TI (Tecnologia da Informação). Organizações em geral, muitas delas com presença global e cujo business core não é TI escolhem contratar os serviços destas empresas especializadas, que em muitos casos também têm presença global e oferecem serviços de informática. Para dar conta desta demanda, as empresas de TI que têm presença internacional estabelecem centros de operações regionais e desde estes locais prestam serviços em mais de uma língua às empresas clientes. O Brasil tem se tornado um centro de atendimento em português, espanhol e eventualmente inglês para muitas destas multinacionais. Deste universo, nos interessam as empresas de TI que prestam serviços de suporte técnico a usuários finais. Algumas empresas de TI com presença no Brasil, mostraram nos últimos anos uma tendência a dar prioridade na contratação de pessoas com fluência em espanhol, assumindo em muitos casos a responsabilidade no aprimoramento dos conhecimentos de informática necessários para desenvolver a função. Esse conhecimento técnico específico é suprido com treinamentos internos, a construção de bases de conhecimento que informam os

passos a seguir e a implementação de procedimentos de escalonamento para níveis com conhecimento mais apurado em TI nos casos mais complexos. Notamos que dentre estes trabalhadores contratados para prestar serviço de suporte técnico em espanhol há alguns com mais de quarenta anos e nos perguntamos: quais são suas trajetórias de vida e de trabalho? As profissões que tinham, ainda existem ou ficaram obsoletas? Tinham algum vínculo com a tecnologia da informação antes ou esse vínculo deu-se em função da oportunidade de trabalho? Pensamos pesquisar, para responder essas perguntas, trabalhadores com mais de quarenta anos, cuja língua nativa é espanhol e que trabalham prestando suporte técnico de informática em espanhol para usuários finais em corporações globais. A empresa de TI, por sua vez, é uma corporação global com sede em Índia e o centro de suporte para América Latina está localizada na grande Porto Alegre. Escolhemos o método etnográfico para elaborar esta pesquisa. Estudaremos trajetórias de vida e de trabalho através de observação participante e de entrevistas. Queremos inserir a pesquisa no âmbito do campo teórico da antropologia do trabalho, dentro de um contexto global em que as migrações estão presentes e a tecnologia é um motor de geração de empregos ao tempo que define a obsolescência de outros. O guarda-chuva conceitual do trabalho estará permeado pelos questionamentos da antropologia urbana.

Palavras-chave: Trabalho; Globalização; Migrações; Tecnologia da Informação

**Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha** (doutorando) e **Guillermo Stefano Rosa Gómez** (mestrando)

Memórias da crise no e do mundo do trabalho: percursos etnográficos entre a ferrovia e o calçado

Resumo: Este texto tem por objetivo refletir sobre as memórias da crise no e do mundo do trabalho no Rio Grande do Sul, a partir de uma interface entre os estudos da Antropologia do Trabalho e de uma Antropologia da e na cidade, percorrendo as contribuições dos estudos da memória em diálogo com a Antropologia Visual e da Imagem. Mediante as narrativas biográficas de trabalhadores aposentados da ferrovia na cidade de Pelotas e de trabalhadoras/es do cluster coureiro-calçadista do Vale do Rio dos Sinos, pretende-se refletir sobre os jogos da memória coletiva em torno das rupturas e descontinuidades que se desencadearam mediante os processos de reestruturação produtiva do capital, relacionados a uma agenda política e econômica de caráter neoliberal, mais intensificada na década de 1990. Neste sentido, baseando-nos no trabalho de campo etnográfico, explicitamos dois cenários distintos de crise, para, em seguida, evidenciar suas convergências: 1) a privatização da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), que implicou em demissões em massa, aposentadorias forçadas e uma transição de um modelo empresarial que promovia uma experiência de profundidade e que mantinha política de manutenção do trabalhador e de seus vínculos sociais, pelo modelo da concessão privada, redução do pessoal e terceirização; 2) a redução radical do cluster coureiro-calçadista do Vale do Sinos e perda de espaço no mercado internacional em função, dentre outros motivos, do surgimento e crescimento acentuado de polos produtivos concorrentes em países asiáticos (particularmente a China) que assumiram lugar de destaque no âmbito das exportações de calçado, processo que resultou em falência de grande número de empresas locais, fechamento de fábricas, diminuição radical dos postos de trabalho no setor e a crescente do desemprego. Queremos partir da etnografia para pensar uma crise vivenciada, isto é, como estes processos são dramatizados em

formas narrativas de pessoas em carne e osso, assim, evidenciando as complexidades da tessitura de uma memória das experiências frente às mutações do trabalho. Em última instância, percorrendo as imagens que vibram nestas narrativas, intentamos apresentar as convergências destes dois universos de pesquisa, pensar um imaginário das transformações do/no mundo do trabalho no Rio Grande do Sul. Nosso foco é delinear as peculiaridades de como trabalhadores vivenciaram e vivenciam as “criptografias” do capitalismo - os movimentos a partir dos quais este se complexifica e se torna “ininteligível” - e como elaboram de maneira criativa um sensível emaranhado de táticas e estratégias cotidianas que se inscrevem em suas formas de durar frente ao tempo descontínuo.

Palavras-Chave: Memória; Crise; Trabalho; Ferrovia; Calçado



## MOSTRA AUDIOVISUAL

### Sessão 1

#### Saberes Indígenas na Escola (UFRGS) – Encontro de orientadores, formadores e pesquisadores Kaingang

**Ana Letícia Meira Schweig** (mestranda) e **Luan Ott**

Sinopse: Os professores orientadores e mestres kofa (velhos) e kujá (xamãs) indígenas do povo Kaingang se reúnem para discutir rumos da escolarização e educação indígena no país e no estado. Planejam encontros com todos os professores Kaingang do Rio Grande do Sul, bem como decidem e produzem seus materiais didáticos próprios. A produção audiovisual mostra um dos encontros da Ação Saberes indígenas na Escola – núcleo UFRGS, que é um programa de formação continuada de professores indígenas do Ministério da Educação – SECADI em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Visando a construção de uma escola diferenciada, garantida constitucionalmente, professores Kaingang e fóg (não indígena) da universidade trocam experiências num esforço intercultural de aprendizagem. Conhecimentos, cantos, fotografias, língua e histórias: contradizendo estigmas de que os Kaingang seriam índios que perderam sua cultura, os indígenas mostram a força da sua ancestralidade, dos seus conhecimentos e de suas lutas.

Ano de produção: 2017

Lugar de produção: Porto Alegre – RS

Duração: 06 min 04 s

Idioma: Português

#### Um corpo São

**Equipe Quase Filmes – Carina Macedo, Carmem Guardiola, Renata Hilal** (mestranda), **Eduardo Santos Schaan** (mestrando) e **Geórgia Macedo** (mestranda)

Sinopse: “Um corpo são” é um curta-documentário que conta a história de uma passagem da vida pessoal do cacique Mbyá Guarani Jaime Vherá Guyrá e sua netinha Kemille de três anos de idade. A história se passa a partir da internação de Kemille em um hospital, quando esta fica doente. No hospital sua internação decorre razoavelmente bem até que sua família percebe a demora na cura de seus males, levando-os a pensar em um diagnóstico de Mbyá: a doença espiritual. Este diagnóstico, faz com que a família busque uma saída do hospital para o seu tratamento. Porém esta saída deve ser negociada com os não indígenas administradores e os não indígenas médicos do hospital. Não chegando a um consenso, o cacique Jaime é levado a uma decisão drástica. A partir desta decisão drástica de Jaime e do conflito gerado em razão das diferentes concepções sobre saúde e doença entre indígenas e não indígenas (ou entre etnias distintas), o curta-documentário “Um corpo São” aborda o que é saúde e doença espiritual para os Mbyá Guarani no cotidiano da aldeia e em sua cosmologia. “Um corpo São” mostra através de imagens as emoções e os sentimentos que envolvem e contornam as vidas destes seres das matas, os mbyá, os animais, as plantas e os espíritos.

Ano de produção: 2017  
Lugar de produção: Porto Alegre  
Duração: 15 min  
Idioma: Português

### A Vida Tocando

**Marco Antonio Saretta Pogli** (doutorando) e **Vinicius Correa**

Sinopse: A Vida Tocando narra a trajetória artística do violonista Nivaldo José. Nivaldo começou a tocar violão aos treze anos de idade e desde então sua trajetória musical é marcada por encontros com grandes nomes do violão brasileiro. Aos vinte anos descobriu-se vítima de retinose, doença que lhe ocultaria gradativamente a visão ao longo da década seguinte.

Ano de produção: 2016  
Lugar de produção: Porto Alegre  
Duração: 25 min  
Idioma: Português. Com audiodescrição.

### O lugar onde a Casa mora

**Marcos Luiz Hinterholz, Débora Wobeto** (mestranda) e **Renata Soares Costa**

Sinopse: O lugar onde a Casa mora traz as histórias de vida de seis homens oriundos de camadas populares, que um dia se lançaram ao mundo em busca da formação universitária. Rui, Edson, João Pedro, Flávio, Nivaldo e Waldomiro nos dão a ver, através de suas memórias, a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA), no contexto da efervescência política e cultural das décadas de 1960 e 1970. Localizada no Centro Histórico de Porto Alegre, a Casa sempre foi autogerida e agora é significada nas narrativas de antigos moradores, reunidas numa urdidura de lembranças, reveladoras de experiências que vão muito além da moradia.

Ano de produção: 2017  
Lugar de produção: Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil  
Duração: 55 min 35s  
Idioma: Português

## **Sessão 2**

### Devolutiva

**Calvin Furtado** (doutorando)

Sinopse: A entrega de um filme real para pessoas reais filmado em tempo real.

Ano de produção: 2016  
Lugar de produção: Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil  
Duração: 5 min 19s  
Idioma: Português



## Quantos ateliês cabem nos seus pés?

**Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha** (doutorando)

Sinopse: “A capital nacional do calçado”. “A Manchester brasileira”. Estas são algumas das denominações atribuídas à cidade de Novo Hamburgo, localizada na região do Vale do Rio do Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil. Títulos que fazem referência à importância da produção coureiro-calçadista para a região e para o próprio município, e aludem articularmente à pujança econômica proveniente do boom industrial ocorrido entre os anos 1970 e 1990. Neste período, as empresas locais direcionaram-se massivamente para a exportação e o polo produtivo da região despontou de forma competitiva entre os países de maior produção de calçados no mercado internacional. Em meados dos anos 1990, o cluster industrial do Vale do Sinos encarou um profundo processo de crise em consequência, entre outros fatores, da perda de espaço para produtores concorrentes dentro e fora do país, o que desencadeou o drástico e acelerado desmantelamento do setor, considerando a grande redução do número de empresas, a falência e fechamento das fábricas, a diminuição dos postos de trabalho e a crescente do desemprego. A presente crônica visual insere-se no âmbito de uma pesquisa de doutorado em andamento, e envolve imersões etnográficas no universo dos ateliês de “fundo de quintal” em Canudos, bairro da zona periférica de Novo Hamburgo. Estas unidades produtivas se caracterizam enquanto micro e pequenos empreendimentos, realizando partes específicas do processo de produção de calçados na forma de prestação de serviços para firmas de calçado de maior porte. Alguns dispõem de produção mecanizada que, por vezes, é realizada por meio de maquinário antigo, datado de décadas anteriores e, não raro, incluem operações manuais de caráter artesanal na falta destes. São trabalhadores autônomos, terceirizados, “a frio”, percorrendo as fronteiras entre o trabalho formal e informal, agenciando uma memória do trabalho no sentido de lidar com as rupturas e descontinuidades que se desdobram a partir das transformações no mundo do trabalho e na própria trajetória do cluster coureiro-calçadista. Diante das rítmicas conduzidas pela lógica do mercado – que no ímpeto neoliberal das últimas décadas reconfigura e criptografa as relações de trabalho e as formas de dominação a partir das imagens da “flexibilização”, da “autonomia”, da “versatilidade” – o ateliê emerge como recriação do espaço de labuta: lugar onde vibram também as imagens do familiar e do lúdico, que convergem em formas sensíveis de produção da vida. É no ateliê que estes trabalhadores fabricam alternativas diante do assombro do desemprego e das crises no mundo do trabalho.

Ano de produção: 2017

Lugar de produção: Novo Hamburgo

Duração: 04 min 32 s

Idioma: Português

## Casa da Árvore

**Renata Hilal** (mestranda)

Sinopse: A Casa da Árvore, personagem principal deste ensaio fílmico, está localizada no bairro da Balsa, contexto urbano da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Durante oito meses, a ‘câmera na mão’ participou do processo de construção desta Casa que foi projetada e autoconstruída junto aos conhecimentos que circulam na permacultura. A Casa passa a ser reconhecida pelo entorno, emergindo controvérsia, imaginação e curiosidade em transeuntes, moradoras e moradores do bairro. Na

contingência desta habitação e criação, a Casa se torna mediadora de relações, potencializando o encontro, a experiência e a aprendizagem. No enredo entre pessoas, coisas e artefatos, esta narrativa de ensaio fílmico deseja despertar, em quem assiste, a poética de que realidade e ficção também andam juntas. O filme integra as produções do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), da Faculdade de Antropologia, na Universidade Federal de Pelotas.

Ano de produção: 2013/2014

Lugar de produção: Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

Duração: 13 min

Idioma: Português

### As mulheres e a fibra

**Diogo Dubiela** (mestrando)

Sinopse: As mulheres e a fibra é um documentário etnográfico com o grupo de mulheres Art&Mãe – vinculado a Cooperativa 20 de Novembro do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN), na cidade Porto Alegre – Brasil. Mostra a dinâmica de trabalho do grupo com a fibra de garrafa PET e sua produção de sentido no mundo contemporâneo, destaca uma forma de sociabilidade feminina costurada de maneira criativa com a economia solidária e o processo etnográfico como relação de troca, aprendizado e formação de vínculo. Mundos que negociam no cotidiano da cidade em um processo onde a fibra de garrafa PET é alçada ao status de elemento diacrítico-estético, o qual carrega em si a expressividade máxima do encontro etnográfico, por isso a fibra é o principal elemento da instalação etnográfica que resulta de todo o processo. Uma produção audiovisual que versa sobre sociabilidade urbana e feminina, trabalho, economia solidária, amizade, imagem, etnografia e arte.

Ano de produção: 2016

Lugar de produção: Porto Alegre

Duração: 36 min 02 s

Idioma: português

### Entresonhos

**Calvin Furtado** (doutorando)

Sinopse: Entre o sonho da casa própria e o pesadelo da remoção, uma família acompanha o sonho da Seleção Brasileira ser campeã da Copa do Mundo jogando em casa.

Ano de produção: Captação: 2014 / Finalização: 2016

Lugar de produção: Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

Duração: 41 min

Idioma: Português



## MOSTRA FOTOGRÁFICA

Local: Galeria Olho Nu (IFCH)

Data: 08/11 a 08/12/2017

### Ensaio

Tambores nas religiões afro-gaúchas: movimentos e artisticidades

**Leonardo Oliveira de Almeida** (doutorando)

Ore Reko Regua

**Ana Letícia Meira Schweig** (mestranda), **Eduardo Santos Schaan** (mestrando) e **Eduardo D. Piotroski**

De onde vem os desenhos na cidade?

**Jose Luis Abalos Junior** (doutorando)

Saberes Indígenas: as lições dos troncos velhos

**Ana Letícia Meira Schweig** (mestranda)

Animais comunitários: sobre agenciamentos, alteridades e resistências multiespécies

**Leandra Oliveira Pinto** (doutoranda)

Revelações e ocultações

**Diogo Dubiela** (mestrando)

A organização do I Encontros Discentes PPGAS/UFRGS agradece ao Núcleo de Antropologia Visual, e em especial à professora Rumi Kubo, pela acolhida da mostra fotográfica na Galeria Olho Nu.



**O I Encontros Discentes PPGAS/UFRGS** tem como objetivo sedimentar um espaço permanente de diálogo teórico, aprimoramento metodológico e divulgação da produção acadêmica de discentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O tema da primeira edição, a ocorrer nos dias 8, 9 e 10 de novembro de 2017, é “Políticas de conhecimento na/da antropologia”.

Site – <https://encontrosdiscentesufrgs.wordpress.com/>

Facebook – <https://www.facebook.com/EncontrosDiscentesPPGASUFRGS/>

Contato – [encontrosdiscentesufrgs@gmail.com](mailto:encontrosdiscentesufrgs@gmail.com)



#### Comissão Organizadora

Alexandre Peres de Lima (doutorando)

Caroline Sarmento (bolsista/secretaria)

Diogo Dubiela (mestrando)

Hermes de Sousa Veras (doutorando)

Izabella Bosisio (doutoranda)

Jéssica Nunes (bolsista/secretaria)

Jorge Scola (doutorando)

Jose Luis Abalos Junior (doutorando)

Lucas Gonçalves Brito (doutorando)

Marco Antonio Saretta Pogliá (doutorando)

Thiago Batista Rocha (mestrando)